

LANGENBUCHER, Wolfgang (ed.) — *Antologia Humanística Alemã*, tradução organizada por Walter Koch, Ed. Globo, Porto Alegre, 1972.

No esforço de coligir manifestações literárias alemãs das mais variadas proveniências desde o século dezesseis até nossos dias, apresenta-se esta *Antologia*, que no original ostenta o título *Ein deutsches Lesebuch*, como coletânea de textos humanísticos. O primeiro autor representado é Martinho Lutero, com seu discurso de 1521, pronunciado perante a Dieta de Worms. Seguem dois trechos do primeiro romance picaresco alemão, o *Simplicissimus Teutsch* de Grimmelshausen, publicado em 1669. Já o autor seguinte é de um século posterior, Gotthold Ephraim Lessing, e com ele principia a *Antologia* a inserir-se num contexto de manifestações e movimentos culturais. Lessing é aqui representado pelo gênero epistolar, por um extrato dramático, por fábulas e ainda por parte da *Educação do Gênero Humano*. Do grande físico e matemático G. Ch. Lichtenberg (1742-1799), estilista consumado e mestre da sátira, constam apenas cinco aforismos, enquanto Frederico o Grande, da Prússia, ocupa com o seu *Antimaquiável* três páginas. Também “o Knigge”, conforme se dizia durante quase século e meio, ao referir o livro de etiqueta social, publicado em 1788, está aqui representado. Os dois nomes seguintes são J. G. Herder e Immanuel Kant, e assim o volume oferece realmente um interessante corte transversal do período iluminista.

O capítulo seguinte abarca a era de Goethe, isto é, a época marcada pelo Sturm-und-Drang (Pré-Romantismo), pelo Classicismo e pelo Romantismo. Excetuando os escritos dessa fase de Goethe e Schiller, só Klingler (o autor do drama *Os Gêmeos*) e Wagner representam os pré-românticos alemães. De Goethe surge um trecho do *Werther*, romance que perturbou o mundo de então e cujo bicentenário será comemorado no próximo ano, do *Goetz* consta uma cena do quarto ato. O drama *Egmont*, o importante romance de formação *Wilhelm Meister*, que, inclusive, inspirou os românticos, as *Conversações com Eckermann* e a *Novela*, são outras obras representativas do gênio de Frankfurt, que aqui vêm apresentadas mediante trechos escolhidos. Schiller, nascido dez anos mais tarde que Goethe, e que viria a morrer 27 anos antes deste, é apresentado com trechos do drama *Os Salteadores*, com um conto, uma cena de trilogia em torno de *Wallentstein*, uma passagem do seu estudo histórico (era professor de História) sobre a separação dos Países Baixos e com cartas sobre a *Educação Estética do Homem*. Depois de algumas cartas de Georg Forster seguem autores representativos do período de transição, tais como Jean Paul e H. von Kleist e os românticos Novalis, Eichendorff e Uhland.

O terceiro capítulo, que diz tratar de *Realismo Poético*, está subordinado à nomenclatura geral *O Século XIX*, título enganoso, de vez que já o capítulo anterior abrangia o período dos primeiros decênios desse século. Karl Philipp Moritz (1756-1793) entrou (por que motivos?) também nesse capítulo, ao qual não pertence nem pela índole de seus escritos e muito menos pela cronologia. Ao mesmo tempo que autores totalmente inexpressivos, tais como Robert Prutz e Adolf Glassbrenner foram incluídos pelo editor Langenbucher, faltam alguns dos mais destacados escritores e pensadores alemães da época, tais como Gutzkow, Freiligrath, Gotthelf, C. F. Meyer e outros. São alinhados trechos de Heine, Börne, Prutz, Glassbrenner, Büchner, Moritz, Mörike, Stifter, Rosegger, Raabe, Keller, Storm, K. Marx, Schulze-Delitzsch, Raiffeisen, Lassalle, A. von Humboldt, Hebel, Ebner-Eschenbach, Fontane, Nietzsche, Bismarck e Max Weber. Poderíamos perguntar, por outro lado, por que o organizador da coletânea, uma vez que escolheu Otto von Bismarck para nela figurar — e a Bismarck devemos algumas das mais impressionantes e vigorosas páginas em prosa alemã do século passado — apresenta dele justamente a carta que dirigiu a seu futuro sogro, pedindo a filha em casamento, quando tinha trinta e um anos de idade (em 1846 e não em 1864 conforme consta!) Por sua vez, Max Weber, escolhido para encerrar o capítulo, já pertence de fato ao século vinte, embora nascido em 1864. Comprova isso o trecho citado, que foi escrito em 1919.

Esse capítulo, referente ao século dezenove, é sem dúvida o mais fraco do livro. A última parte, a abranger o nosso século, recebeu um arranjo mais cuidadoso e oferece muito interesse. É claro que faltam autores que mereciam figurar (lembramos apenas Broch e Hesse!) e é de lamentar a absoluta ausência daqueles que começaram a projetar-se depois da última guerra. Entretanto figuram Hauptmann, Hofmannsthal, Kafka, Benn, Musil, Brecht, Pinter, Döblin, Edschmid, Kaiser, os irmãos Heinrich e Thomas Mann, Joseph Roth e Tucholsky, sendo assim abarcados os movimentos que vão desde o naturalismo, passando pelo impressionismo e o expressionismo até a 'nova objetividade' Também a seleção dos escritos é aqui representativa, sendo apenas de lamentar que em um volume que hoje em dia se oferece a um público interessado faltem exatamente aquelas páginas que, depois da guerra, conclamam os alemães (e os leitores de língua alemã em geral), para o moderno sentido humanístico. Andres, Böll, Dürrenmatt, Frisch, Grass, Handke, Johnson, Kaschnitz, Koepe, Walser e Weiss teriam merecido figurar, mas tiveram talvez de ser deixados de lado por questões atinentes aos direitos autorais. Entretanto é esta ausência de lastimar-se, principalmente entre nós, onde tão raramente saem do prelo livros que realmente apresentam contribuições de interesse para os que desejam informar-se a respeito da literatura alemã. Eis, sem dúvida, o mérito deste volume, assim como cabe ao Professor Walter Koch o mérito de ter conseguido reunir uma equipe que conseguiu apresentar traduções à altura, que fielmente transmitem os pensamentos expressos no original.